



Sinopse Econômica 112

MAIO DE 2002

Fechamento da edição: 03/06/02

BNDES\ Área de Planejamento - Tel: (021) 2277-7369

e-mail: aalem@bndes.gov.br

Endereço na Internet - <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/>

Equipe Técnica: Ana Claudia Alem, Filipe Lage de Sousa e Gisele Norris

Apoio: Jenny Iijima Valente

1) Política Econômica

Dinamismo exportador e industrialização nos países em desenvolvimento

O Trade and Development Report –2002, divulgado recentemente pela UNCTAD, mostrou resultados interessantes no que diz respeito à participação dos países em desenvolvimento (PED) no comércio mundial.

Dos anos 1980 ao final da década de 1990, as exportações dos PED cresceram mais rapidamente do que a média mundial e passaram a corresponder a quase um terço do total internacional - ver Tabela 1.1. Grande parte do crescimento deveu-se ao crescimento das exportações de produtos manufaturados, que atualmente têm uma participação de cerca de 70% do total das vendas externas dos PED. Além disso, muitos PED foram bem-sucedidos em aumentar a participação de produtos com maior intensidade tecnológica na pauta de exportações – ver Tabela 1.2. Isto é particularmente importante, tendo em vista que estes produtos têm estado entre aqueles com maior dinamismo comercial nas duas últimas décadas, com destaque para os bens eletrônicos.

Entretanto, a análise do desempenho médio dos PED esconde importantes diferenças entre os países. Com a exceção de alguns países do Leste Asiático que têm uma desenvolvida base industrial, as exportações dos PED são ainda significativamente concentradas em produtos intensivos em recursos naturais e com baixa qualificação da mão-de-obra, que têm limitadas perspectivas de crescimento da produtividade e pouco dinamismo nos mercados mundiais. Segundo a UNCTAD, mesmo as estatísticas que apontam para o crescimento da participação dos produtos com maior intensidade tecnológica e, conseqüentemente com maior valor agregado, no total exportado pelos PED devem ser interpretadas com cuidado. Os PED, freqüentemente, estão envolvidos apenas nos estágios finais de montagem daqueles produtos, que são marcados pela baixa qualificação da mão-de-obra. Ou seja, grande parte da tecnologia está incorporada nas partes e componentes importados, e, sendo assim, a maior parcela do valor agregado vai para as

SUMÁRIO

2) Nível de Atividade: O PIB no primeiro trimestre do ano.....	3
3) Inflação: A evolução dos preços em abril.....	5
4) Finanças Públicas: A evolução das receitas federais.....	6
5)-Mercado Financeiro: Argentina inicia saída de corralito.....	8
6) Setor Externo: A evolução dos preços das exportações.....	10
7) Operações do BNDES e da FINAME.....	12
8) Anexo Estatístico.....	14

2) Nível de Atividade

O Crescimento do PIB em 2002

No primeiro trimestre de 2002 o PIB apresentou uma queda de 0,73% comparado com o mesmo trimestre do ano passado. Esse resultado superou algumas expectativas do mercado, que apontavam para uma redução de mais de 2% nesse primeiro trimestre de 2002.

Os setores Agropecuário e Serviços, onde cresceram 4,36% e 1,71%, respectivamente. Já a Indústria apresentou uma queda de 3,91%. Basicamente, todas as categorias da indústria mostraram uma redução nessa comparação, a exceção ficou com a Extrativa Mineral, cujo crescimento foi de 7,97%. Nos Serviços, apenas o setor de Comércio apresentou declínio, que foi de 4,01%. Dentre os que apresentaram crescimento, o destaque foi o setor de Comunicações, cujo crescimento foi 9,24%.

Em relação ao trimestre anterior, houve um crescimento de 1,34% com ajuste sazonal – ver Tabela 1.1 e Gráfico 2.1. Esse crescimento interrompeu uma sequência de três trimestres seguidos de redução ou uma certa estagnação nessa comparação.

GRÁFICO 2.1
PIB TRIMESTRAL
COM AJUSTE SAZONAL - JAN 98=100

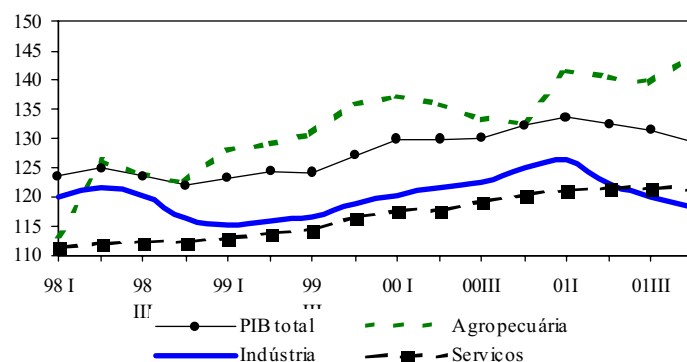


TABELA 2.1
EVOLUÇÃO DO PIB TRIMESTRAL

	PIB total		Agropecuária		Indústria		Serviços	
	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)
98 I	1,43	0,36	2,40	1,06	0,66	0,07	1,88	0,67
II	1,38	0,82	4,86	0,23	0,44	0,61	1,64	0,54
III	-0,44	-1,19	-2,98	-4,90	-2,21	-1,60	1,15	0,05
IV	-1,43	-0,75	3,48	9,10	-4,49	-2,57	-0,20	-0,89
99 I	-0,36	0,28	6,89	1,72	-4,09	-1,14	1,40	1,19
II	-0,36	1,32	6,94	0,02	-3,52	1,68	0,98	0,64
III	0,50	0,20	11,81	1,49	-2,10	0,85	1,16	0,66
IV	3,42	1,65	4,03	2,52	3,39	2,11	4,05	1,06
00 I	4,07	1,29	6,97	1,46	5,49	0,83	3,41	0,96
II	4,52	1,43	7,59	0,65	5,10	1,26	3,62	0,95
III	5,11	1,14	3,89	0,25	4,65	1,79	4,45	1,05
IV	3,73	1,77	-4,06	-0,57	4,88	2,11	3,43	0,90
01 I	4,33	1,17	5,08	7,13	5,43	-3,04	3,14	0,57
II	2,07	-1,38	3,24	-0,70	0,42	-2,14	3,12	0,42
III	0,50	-0,44	3,30	-0,64	-2,03	1,36	2,10	0,27
IV	-0,69	0,09	9,92	2,78	-5,48	-1,60	1,75	0,51
02 I	-0,73	1,34	4,36	1,85	-3,91	-1,49	1,71	0,98

Como o desempenho do primeiro trimestre superou positivamente as expectativas do mercado, a previsão média para 2002 se manteve numa taxa de crescimento acima de 2% - ver Anexo Estatístico.

O INA de Abril de 2002

Segundo a FIESP, o INA apresentou em abril um aumento dessazonalizado de 0,5% ante março. Contra o mesmo mês de 2001, houve uma estabilidade nesse indicador. Contudo, no acumulado desse ano observa-se uma queda de 2,9% em relação ao mesmo período do ano passado.

A Produção de Autoveículos em Abril

Conforme a Anfavea, a produção nacional de veículos apresentou uma elevação de 9,3% em abril contra março. Na comparação com abril de 2001, ocorreu um ligeiro crescimento na produção de 0,6%. No acumulado do ano, o número de autoveículos produzidos caiu 6,5% em 2002 comparados com o mesmo período do ano anterior - ver Gráfico 2.2.

A Taxa de Desemprego em Abril

Em abril, a taxa de desemprego aberto do IBGE foi de 7,6%, bem superior aos 7,1% registrados no mês anterior. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, verificou-se um aumento substancial na taxa de desemprego, a qual registrou em 6,5% em abril de 2001 – ver Gráfico 2.3. A taxa média do desemprego até abril de 2002 ficou em 7,1%, superior aos 6,1% registrados até o mesmo mês de 2001.

GRÁFICO 2.2
PRODUÇÃO DE AUTOVEÍCULOS - ANFAVEA
EM MIL UNIDADES

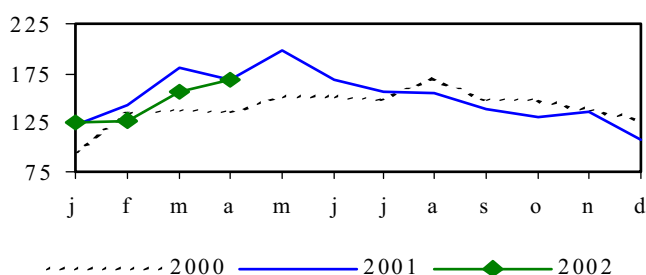
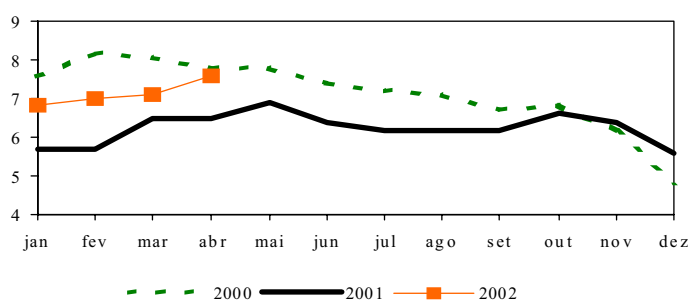


GRÁFICO 2.3
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO - IBGE (%)



3) Inflação

Índices de Preços de Abril e Núcleo de Inflação

O IGP-DI de abril apresentou uma variação de 0,70% e o IPCA, de 0,80%; contra 0,11% e 0,60%, respectivamente, em março de 2002 - ver Tabela 3.1. No entanto, o IPC-FIPE apresentou o valor de 0,06% em abril, ligeiramente inferior aos 0,07% registrados em março de 2002. A inflação média desses três índices de preço foi de 0,52% em abril, superior à média de 0,26% registrada em março. No acumulado de 12 meses, a média desses índices mostrou uma taxa anual de 7,70% até abril de 2002, inferior aos 7,97% registrados no acumulado 12 meses até março de 2002 - ver Gráfico 3.1.

O núcleo de inflação atingiu o valor mensal de 0,46% em abril, inferior aos 0,50% de março. No acumulado de 12 meses até abril, o núcleo de inflação apresentou uma taxa de variação de 7,27%, abaixo dos 7,46% registrados no acumulado 12 meses até março - ver Gráfico 3.1.

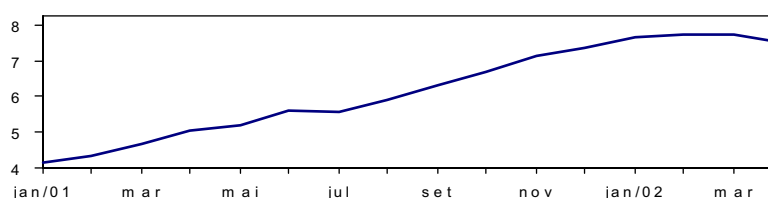
A Evolução dos Preços em Maio

O Índice de Preços ao Consumidor, divulgado pela FIPE, registrou, na terceira quadrissemana de maio, uma variação nos preços de 0,06%, apresentando um aumento comparado aos 0,02% registrados na segunda prévia de maio. O item Transportes obteve o maior aumento entre todos, com elevação dos preços de 0,99%, porém ainda inferior aos 1,80% registrados em todo o mês de abril. Os dois itens com maior peso no índice, Habitação e Alimentação, apresentaram deflação de 0,12% e 0,52%, respectivamente. Os outros itens tiveram aumento nos preços abaixo de 0,30%, mais especificamente: Despesas Pessoais (0,29%); Saúde (0,22%); Vestuário (0,20%); e Educação (0,05%). A Fipe mantém a previsão uma taxa mensal de 0,10% para fim de maio e de 4% para o ano.

TABELA 3.1
INFLAÇÃO MENSAL (%)

M ê s	Índices de preços			
	IG P - D I	IP C A	F I P E	M é d i a
a b r 0 1	1 , 1 3	0 , 5 8	0 , 6 1	0 , 7 7
m a i	0 , 4 4	0 , 4 1	0 , 1 7	0 , 3 4
j u n	1 , 4 6	0 , 5 2	0 , 8 5	0 , 9 4
j u l	1 , 6 2	1 , 3 3	1 , 2 1	1 , 3 9
a g o	0 , 9 0	0 , 7 0	1 , 1 5	0 , 9 2
s e t	0 , 3 8	0 , 2 8	0 , 3 2	0 , 3 3
o u t	1 , 4 5	0 , 8 3	0 , 7 4	1 , 0 1
n o v	0 , 7 6	0 , 7 1	0 , 6 1	0 , 6 9
d e z	0 , 1 8	0 , 6 5	0 , 2 5	0 , 3 6
j a n 0 2	0 , 1 9	0 , 5 2	0 , 5 7	0 , 4 3
f e v	0 , 1 8	0 , 3 6	0 , 2 6	0 , 2 7
m a r	0 , 1 1	0 , 6 0	0 , 0 7	0 , 2 6
a b r	0 , 7 0	0 , 8 0	0 , 0 6	0 , 5 2

GRÁFICO 3.1
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES



Para isso, contribuiu o bom comportamento dos preços ao consumidor nessa última quadrissemana de maio.

O IGP-M em Maio

O IGP-M registrou um crescimento de 0,83% nos preços em maio, acima dos 0,56% de abril. O IPA-M, o IPC-M e o INCC-M registraram altas de 0,81%, 0,30%, e 2,47%, respectivamente. No acumulado em 12 meses até maio, o resultado ficou em 8,88%, abaixo dos 8,92% registrados nesse acumulado até abril. Já no acumulado do ano, o IGP-M ficou em 1,91%.

4) Finanças Públicas

As NFSP no ano de 2002

O déficit público nominal – sem considerar a desvalorização nominal - foi de 2,46% do PIB no acumulado janeiro/abril de 2002, ante os 1,03% do PIB de igual período de 2001 – ver Tabela 4.1.

As despesas com os juros nominais sobre a dívida pública atingiram 7,51% do PIB no período, contra os 7,28% do PIB de janeiro a abril de 2001. Em relação ao resultado primário, houve um superávit de 5,06% do PIB no acumulado no ano até abril de 2002, ante um superávit de 6,26% do PIB em jan/abr de 2001.

TABELA 4.1
NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (NFSP)(1) -
em % do PIB
SEM DESVALORIZAÇÃO CAMBIAL

	2001		2002
	jan-abr	A no	jan-abr
<i>Nominal</i>	1,03	3,54	2,46
Governo Central	0,23	2,05	1,13
Governo Federal	-0,16	2,18	0,88
Banco Central	0,39	-0,13	0,25
Governos Regionais	1,24	2,03	0,68
Governos Estaduais	1,37	1,94	0,57
Governos Municipais	-0,13	0,10	0,11
Empresas Estatais	-0,44	-0,55	0,65
Empresas Estatais Federais	-0,60	-0,66	0,70
Empresas Estatais Estaduais	0,16	0,10	-0,05
Empresas Estatais Municipais	0,00	0,01	0,00
<i>Juros Nominais</i>	7,28	7,28	7,51
Governo Central	4,01	3,97	5,38
Governo Federal	3,68	4,15	5,18
Banco Central	0,33	-0,19	0,20
Governos Regionais	2,62	2,93	1,84
Governos Estaduais	2,28	2,56	1,53
Governos Municipais	0,33	0,37	0,31
Empresas Estatais	0,66	0,39	0,29
Empresas Estatais Federais	0,02	-0,03	-0,10
Empresas Estatais Estaduais	0,62	0,40	0,38
Empresas Estatais Municipais	0,01	0,02	0,01
<i>Primário</i>	-6,26	-3,75	-5,06
Governo Central	-3,78	-1,91	-4,25
Governo Federal	-4,55	-3,04	-5,35
Banco Central	0,06	0,06	0,05
INSS	0,71	1,07	1,05
Governos Regionais	-1,38	-0,90	-1,16
Governos Estaduais	-0,91	-0,62	-0,96
Governos Municipais	-0,47	-0,28	-0,21
Empresas Estatais	-1,10	-0,94	0,36
Empresas Estatais Federais	-0,63	-0,63	0,80
Empresas Estatais Estaduais	-0,46	-0,30	-0,42
Empresas Estatais Municipais	-0,01	-0,01	-0,02

Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: (1) (-)=superávit.

A evolução das receitas federais

Segundo a Secretaria da Receita Federal (SRF), a arrecadação apresentou uma expansão real de 7,2% em abril de 2002, ante o mesmo mês de 2001. No acumulado no ano até abril, o total da arrecadação federal registrou um crescimento real de 13,0%, ante igual período do ano anterior.

A participação dos títulos públicos por indexador

A participação dos títulos indexados ao câmbio no total de títulos públicos federais foi de 27,8% em abril, ante os 28,7% de março. Os títulos indexados à taxa over/SELIC registraram a participação de 51,2% em abril- ver Tabela 4.2. Os títulos pré-fixados, por sua vez, registraram um aumento de sua participação de 9,1% em março, para 9,8% em abril.

A dívida líquida do setor público

A dívida líquida do setor público – excluindo base monetária - foi de 50,8% em abril de 2002 – ver Tabela 4.3. Incluindo-se a base monetária, a dívida líquida foi de 54,5% do PIB.

TABELA 4.2
TÍTULOS PÚBLICOS FEDERAIS:
PARTICIPAÇÃO POR INDEXADOR (%)

Indexadores	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002(abr)
Câmbio	5,3	9,4	15,4	21,0	24,2	21,7	28,6	27,8
SELIC	37,8	18,6	34,8	69,1	61,1	52,4	52,8	51,2
Prefixados	42,7	61,0	40,9	3,5	9,2	15,3	7,8	9,8
Índices de Preços	5,3	1,8	0,3	0,4	2,4	5,9	7,0	8,9
Outros	8,9	9,2	8,6	6,0	3,1	4,7	3,8	2,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100

Fonte: Banco Central.

TABELA 4.3
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO - FIM DE PERÍODO (% PIB) (1)

Composição	1998	1999	2000	2001	2002 (abr)
<u>Dívida interna</u>	32,5	34,4	35,5	38,4	40,3
Governo Central	17,2	17,7	19,3	20,5	22,0
Gov.estaduais e municipais	14,0	15,5	15,3	17,5	17,5
Empresas estatais	1,3	1,2	0,9	0,4	0,8
<u>Dívida externa</u>	6,4	10,4	9,7	10,6	10,5
Governo Central	4,3	8,0	7,5	8,4	8,4
Gov.estaduais e municipais	0,7	0,9	0,9	1,0	1,0
Empresas estatais	1,4	1,5	1,3	1,2	1,1
<u>Dívida total</u>	38,9	44,8	45,2	49,0	50,8
Governo Central	21,5	25,7	26,8	28,9	30,4
Gov.estaduais e municipais	14,7	16,4	16,2	18,5	18,5
Estados	12,7	14,2	14,1	16,4	16,4
Municípios	2,0	2,2	2,1	2,1	2,1
Empresas estatais	2,7	2,7	2,2	1,6	1,9
Federais	0,5	0,3	-0,4	-1,2	-0,8
Estaduais	2,1	2,2	2,4	2,6	2,5
Municipais	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2
Base monetária	4,4	4,6	4,2	4,3	3,7
Dívida total com base monetária	43,3	49,4	49,4	53,3	54,5

Nota: (1) Exclui a base monetária.

5) Mercado Financeiro

Banco Central mantém as taxas de juros básicas em 18,5% ao ano

Na última reunião do Copom - realizada ao longo dos dias 21 e 22 de maio - o Banco Central decidiu manter a taxa Selic estável no patamar de 18,5% ao ano. A manutenção dos juros decorreu do aumento da projeção de inflação para 2002, que ficou um pouco acima de 5,0%, em razão, principalmente, da depreciação cambial e da estimativa de aumento dos reajustes dos preços administrados, de 7,2% para 7,6%. Entretanto, o Copom já sinalizou a necessidade de retomada do processo de flexibilização da política monetária, tendo em vista a tendência de redução dos preços livres e o ritmo moderado de recuperação do nível de atividade, que não deverá pressionar a inflação nos próximos meses.

No mercado futuro, as taxas de juros DI, anualizadas, projetadas para junho, julho e agosto de 2002 fecharam, em 31/05, em 18,06%, 18,20% e 18,17%, respectivamente.

Argentina inicia saída de *corralito*

Entra em vigor, hoje, dia 3 de junho, o decreto que permite a saída do *corralito* na Argentina. Os depositantes terão até o dia 16 de julho para escolherem a modalidade de troca de seus depósitos por bônus. Falta ainda elaborar as normas complementares ao decreto, o que apenas estará concluído na próxima semana. Dentre estas, há uma que prevê o estabelecimento de uma quota mensal que permita ao depositante a utilização dos bônus na compra de automóveis, casas ou apartamentos em construção. Os papéis poderão ser utilizados ainda para o pagamento de impostos atrasados e para saldar dívidas com bancos.

A recuperação econômica prossegue nos EUA

O Índice de Atividade Industrial do Instituto para Gestão de Oferta – anteriormente conhecido como Associação Nacional dos Gerentes de Compras – registrou um crescimento, passando de 53,9 em abril para 55,7 em maio. Este resultado superou as expectativas do mercado que apontavam para um índice de 54,5 em maio. A expansão decorreu, em grande medida, do desempenho do índice de novas encomendas que cresceu pelo sexto mês consecutivo, para 63,1 em maio, ante os 59 em abril.

Os gastos com construção, por sua vez, aumentaram 0,2% (taxa dessazonalizada) em abril, ante março, refletindo, principalmente, uma elevação recorde nos gastos em obras residenciais.

A evolução da taxa de câmbio

No dia 31/05, a cotação da Ptax (venda) foi de R\$ 2,5220, ante os R\$ 2,3625 registrados no final de abril, o que representou um aumento de 6,75% no mês – ver Gráfico 5.1.

Os contratos de US\$ futuro com fechamento em primeiro de julho e agosto tiveram, em 31/05, uma cotação de R\$ 2,5480 e R\$ 2,5800, respectivamente.

A evolução do spread de risco soberano

No mês de maio, o *spread* de risco país do Brasil foi de 1112 em média, ante os 5149 da Argentina - ver Tabela 5.1 e Gráfico 5.2. O *spread* do Brasil apresentou um crescimento de 20,7% em maio, ante abril.

GRÁFICO 5.1
Ptax VENDA

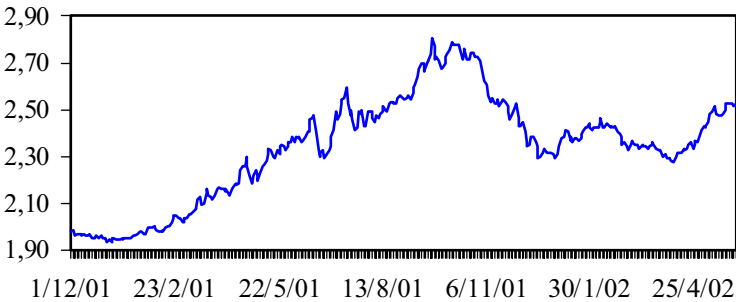
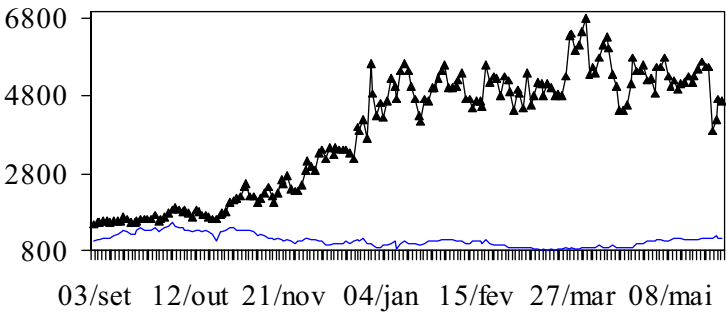


GRÁFICO 5.2
SPREAD DE RISCO SOBERANO
EVOLUÇÃO DIÁRIA



— Brasil —▲— Argentina

TABELA 5.1
SPREAD DE RISCO SOBERANO

M ê s	M é d i a s M e n s a i s : P a r - b o n d		
	B r a s i l	A r g e n t i n a	M é x i c o
1 9 9 9	1 2 3 3	9 0 1	7 6 9
2 0 0 0	8 9 5	8 5 7	4 2 3
j a n / 0 1	8 7 5	8 9 1	4 2 1
f e v / 0 1	8 4 8	9 0 1	4 7 9
m a r / 0 1	8 9 5	1 0 7 5	4 8 7
a b r / 0 1	9 6 6	1 1 8 1	4 6 4
m a i / 0 1	9 9 1	1 1 8 1	3 9 2
j u n / 0 1	9 7 9	1 1 2 9	3 4 8
j u l / 0 1	1 0 9 3	1 5 5 2	3 8 7
a g o / 0 1	1 0 9 5	1 6 4 8	4 0 3
s e t / 0 1	1 2 4 4	1 5 8 5	4 5 9
o u t / 0 1	1 3 3 3	1 8 0 1	4 7 7
n o v / 0 1	1 1 5 8	2 4 1 6	4 2 4
d e z / 0 1	1 0 2 2	3 5 6 4	3 5 1
j a n / 0 2	9 8 0	4 8 5 4	3 5 6
f e v / 0 2	1 0 1 9	5 0 5 5	3 3 2
m a r / 0 2	8 6 6	5 1 1 4	2 6 4
a b r / 0 2	9 2 1	5 5 3 5	2 5 2
m a i / 0 2	1 1 1 2	5 1 4 9	2 5 7

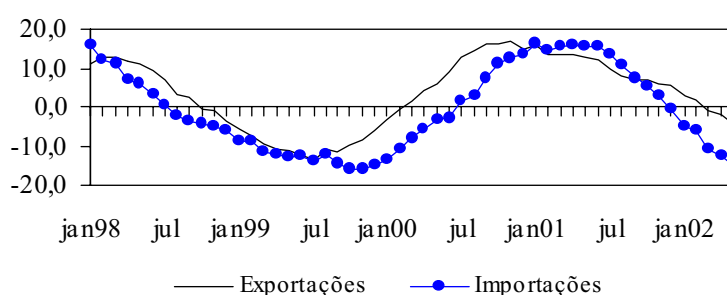
6) Setor Externo

A Balança Comercial em Maio

A balança comercial registrou em maio um superávit de US\$ 423 milhões, com exportações de US\$ 4,441 bilhões e importações de US\$ 4,018 bilhões.

Com este resultado, a balança comercial acumulou no período janeiro/maio de 2002 um superávit de US\$ 1,932 bilhão, contra um déficit de US\$ 352 milhões registrados em igual período de 2001. De janeiro a maio, as exportações apresentaram uma queda acumulada de 12,2% e as importações, de 21,4%, ante igual período de 2001. No acumulado em 12 meses até maio, as exportações apresentaram uma redução de 4,1% e as importações, uma queda de 15,0% - ver Gráfico 6.1.

GRÁFICO 6.1
EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES
VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)



Exportações e Importações Desagregadas em Abril

No acumulado de 2002 até abril, as exportações apresentaram uma queda de 10,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. Já as importações mostraram um resultado mais acentuado, com uma redução de 21,3% até abril de 2002, ante o acumulado do ano passado até o mesmo mês – ver Tabelas 6.1 e 6.2.

Nas exportações, todas as suas subdivisões apresentam uma redução do volume exportado no acumulado do ano até abril, ante o mesmo período do ano passado. Os produtos industrializados apresentaram as reduções mais significativas: produtos semimanufaturados, queda de 13,3% e manufaturados, de 12,4%. As exportações de produtos básicos mostraram uma queda de 4,6%.

No que diz respeito às importações, novamente todas as categorias exibiram quedas na comparação do acumulado desse ano até abril contra o mesmo intervalo de tempo em 2001. A importação de combustíveis e lubrificantes apresentou o resultado mais brando, pois a redução foi de apenas 4,4%. O destaque de queda ficou com o subitem automóveis, com queda de 53,6%, impactando a categoria de bens de consumo duráveis, cuja redução foi de 37,5%. As importações de bens de capital e de matéria-prima e bens intermediários, por sua vez, apresentaram quedas de 24,3% e 22,4%, respectivamente, no acumulado de janeiro a abril, ante o mesmo período de 2001. Por último, a importação de bens de consumo não-duráveis apresentou uma queda de 7,8% em relação ao mesmo período do ano passado.

Preços das Exportações continuam desfavoráveis

Os preços das exportações, principalmente dos produtos básicos e semimanufaturados, continuam caindo por causa da desaceleração da economia internacional.

De acordo com a Funcex, os preços das exportações reduziram em 5,2% em abril de 2002, contra o mesmo mês do ano passado – ver Gráfico 6.2. Os destaques dessa diminuição foram os preços dos produtos básicos e semimanufaturados, com reduções de 7,2% e 9,4%, respectivamente, de abril de 2002, ante o mesmo mês de 2001. Os preços das exportações acumularam uma queda de 8,4% no ano de 2002 até abril, ante o mesmo período de 2001. Já no acumulado dos últimos 12 meses, a redução foi de 6,6%.

TABELA 6.1
EXPORTAÇÕES POR TIPO DE PRODUTO
EM US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan - Abr		Var. %
	2002	2001	
Básicos	4.048	4.245	-4,6
Industrializados	11.812	13.509	-12,6
Semimanufaturados	2.370	2.735	-13,3
Manufaturados	9.442	10.775	-12,4
Ops. Especiais	671	763	-12,0
Total	16.531	18.517	-10,7

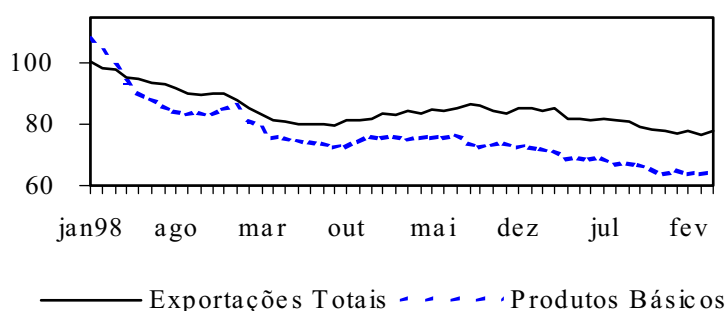
Fonte: Secex.

TABELA 6.2
IMPORTAÇÕES POR CATEGORIA DE USO
EM US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan - Abr		Var. %
	2002	2001	
Mat. primas e bens interm.	7.452	9.609	-22,4
Combust. e lubrificantes	1.743	1.823	-4,4
Bens de capital	3.908	5.162	-24,3
Bens de consumo	1.919	2.484	-22,7
Não-duráveis	1.137	1.233	-7,8
Automóveis	248	535	-53,6
Outros duráveis	534	716	-25,4
Total	15.022	19.080	-21,3

Fonte: Secex.

GRÁFICO 6.2
ÍNDICES DE PREÇOS DAS EXPORTAÇÕES
FUNCEX - 1996=100

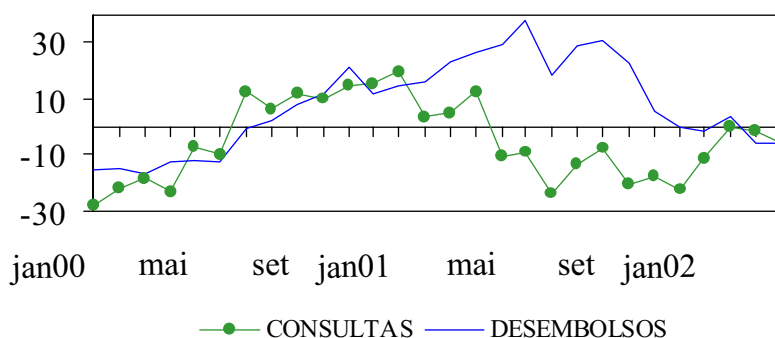


7) Operações do BNDES

A evolução dos desembolsos e das consultas

O valor real dos desembolsos de recursos do BNDES apresentou uma redução de 5,5% no acumulado em 12 meses até abril de 2002 - ver Gráfico 7.1. O valor das consultas - pedidos de financiamento - do BNDES registrou uma queda real de 5,0% no acumulado em 12 meses até abril de 2002.

GRÁFICO 7.1
BNDES: DESEMBOLSOS E CONSULTAS
VARIAÇÃO REAL ACUMULADA EM 12 MESES (%)
DEFLATOR: IGP-DI



Fonte: BNDES/GEREG.

Desembolsos por tipo de operação e empresa do BNDES

O valor real dos desembolsos do Sistema BNDES registrou o montante de R\$ 7,8 bilhões no acumulado no ano até abril de 2002, 7% superior ao observado em igual período de 2001, ambos a preços de abril de 2002 - ver Tabela 7.1.

O BNDES apresentou um crescimento real de 38% de seus desembolsos no período. Isto resultou, principalmente, da expansão real das liberações com as operações diretas. A FINAME registrou um crescimento real de 1% de seus desembolsos no acumulado no ano até abril de 2002, ante mesmo período de 2001. A BNDESPAR, por sua vez, apresentou uma queda real de 90% de seus desembolsos no período.

TABELA 7.1
DESEMBOLSOS DO SISTEMA BNDES (1)
Em R\$ milhões

Ite n s	2 0 0 2	2 0 0 1	V a r . %
B N D E S	4 . 5 3 2	3 . 2 8 8	3 8
Op. Diretas	3 . 0 6 1	1 . 0 2 4	1 9 9
Op. Indiretas	1 . 4 7 1	2 . 2 6 4	- 3 5
F I N A M E	3 . 1 5 8	3 . 1 3 7	1
B N D E S p a r	8 0	8 2 7	- 9 0
T o t a l	7 . 7 7 1	7 . 2 5 2	7

Fonte: BNDES/GEREG.

Nota: (1) Valores acumulados até abril de cada ano, a preços de abril de 2002 - deflator IGP-DI.

A distribuição setorial dos desembolsos

A evolução dos desembolsos setoriais acumulados no ano a partir de janeiro de 2001 pode ser observada na Tabela 7.2. No acumulado no ano até abril de 2002, os destaques foram os setores de infra-estrutura e agropecuária, que apresentaram as maiores taxas reais de crescimento de suas liberações.

No período, as liberações para a indústria de transformação registraram a maior participação – de 42% - no total desembolsado – ver Tabela 7.3.

TABELA 7.2
CRESC. REAL ACUMULADO ATÉ O MÊS (1)
DESEMBOLSOS (%)

Meses	AGROP.	IND.	INFRA- TRANSF. ESTRUTURA	SERVIÇOS	TOTAL
jan/01	66	129	-44	-14	44
fev	52	64	-38	-35	23
mar	61	80	-26	-15	42
abr	56	76	-21	-17	39
mai	43	79	20	-21	41
jun	41	62	17	-23	42
jul	41	50	-30	-12	13
ago	33	55	5	-26	27
set	33	50	8	-22	26
out	31	28	11	-22	17
nov	39	17	-11	-20	5
dez	31	14	-21	-24	0
jan/02	20	0	71	13	14
fev	42	-8	409	13	51
mar	45	-37	235	-2	8
abr	41	-34	183	13	7

Fonte: BNDES/GEREG.

Nota: (1) Em relação a igual período do ano anterior - deflator: IGP-DI.

TABELA 7.3
DESEMB. SETORIAIS DO SISTEMA BNDES (1)
Em R\$ milhões

Setores	2002	2001	Var.%	Part% 2002
TOTAL	7771	7252	7	100,0
AGROPECUÁRIA	1083	766	41	13,9
IND. DE TRANSFORMAÇÃO	3252	4947	-34	41,9
METALURGIA	227	1084	-79	2,9
MECÂNICA	256	440	-42	3,3
MATERIAL DE TRANSPORTE	1517	1691	-10	19,5
CELULOSE E PAPEL	145	391	-63	1,9
QUÍMICA, P..F., PERF., S. E VELAS	233	170	37	3,0
PROD. ALIMENTARES E BEBIDAS	528	638	-17	6,8
OUTRAS	346	534	-35	4,4
INFRA-ESTRUTURA	2756	974	183	35,5
SERVIÇOS	604	533	13	7,8
OUTROS	76	32	139	1,0

Fonte: BNDES/GEREG.

Nota: (1) Valores acumulados até abril de cada ano, a preços de abril de 2002 - deflator IGP-DI.

8) Anexo Estatístico

EVOLUÇÃO COMPARATIVA DOS INDICADORES

	IGP-M/ FGV			Dólar Comercial (var.%(1))			UMBNDDES (2)		
	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses
jan/01	0,62	0,62	9,28	0,80	0,80	9,35	0,47	0,47	6,38
fev	0,23	0,85	9,15	3,76	4,59	15,64	3,49	3,98	12,95
mar	0,56	1,42	9,59	5,69	10,54	23,70	3,90	8,03	17,66
abr	1,00	2,43	10,44	1,07	11,72	20,92	1,51	9,66	17,66
mai	0,86	3,31	11,04	8,02	20,68	29,19	8,21	18,67	25,33
jun	0,98	4,32	11,19	-2,33	17,87	28,05	-2,98	15,13	22,64
jul	1,48	5,87	11,09	5,48	24,33	36,99	5,66	21,64	32,79
ago	1,38	7,33	9,99	4,95	30,49	39,93	6,31	29,32	37,74
set	0,31	7,66	9,07	4,69	36,61	44,89	4,57	35,24	42,97
out	1,18	8,93	9,94	1,34	38,44	41,81	0,79	36,30	40,03
nov	1,10	10,13	10,82	-6,59	29,32	29,04	-6,76	27,08	27,07
dez	0,22	10,37	10,37	-8,24	18,66	18,66	-9,23	15,36	15,36
jan/02	0,36	0,36	10,09	4,22	4,22	22,68	3,60	3,60	18,95
fev	0,06	0,42	9,90	-2,90	1,20	14,81	-2,77	0,72	11,75
mar	0,09	0,51	9,39	-1,05	0,14	7,49	-0,92	-0,21	6,56
abr	0,56	1,07	8,91	1,67	1,81	8,13	2,29	2,07	7,38
mai	0,83	1,91	8,88	6,75	8,68	6,85	7,53	9,76	6,71

Fonte: BNDES e Gazeta Mercantil.

Notas:

(1) Taxa de final de período.

(2) Variação cambial da cesta de moedas do BNDES (UMBNDDES).

QUADRO DAS PREVISÕES ANUAIS (1)

INSTITUIÇÕES	PIB (1)		IED		NFSP (%PIB)		Exportações		Importações		B. Comercial		Saldo em C. Corrente		Taxa Selic (%)		Taxa de Câmbio	
	TOTAL				Primário		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		Final de Período		Final de Período	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Banco BBM	2,0	3,0	16,0	-	-3,5	-3,0	59,0	-	55,0	-	4,0	-	-20,5	-	-	-	-	-
Citibank	2,3	3,5	17,0	18,0	-3,5	-3,5	55,0	58,3	50,5	52,3	4,5	6,0	-21,2	-21,4	18,31	16,55	2,55	2,70
CSFB Garantia	1,8	4,0	17,0	22,0	-3,5	-3,5	56,0	63,5	53,0	62,5	3,0	1,0	-21,7	-25,7	-	-	-	-
Fator	2,3	3,8	16,5	16,5	-3,5	-3,6	57,0	61,3	53,5	55,6	3,5	5,7	-22,3	-21,3	16,50	14,00	2,55	2,80
Macrométrica	2,6	4,4	19,0	16,0	-3,3	-3,0	54,5	58,7	50,3	55,8	4,2	2,9	-17,8	-18,6	18,33	12,74	-	-
MCM Consultores	2,6	2,8	-	-	-3,5	-3,5	54,4	59,1	48,5	56,8	5,9	2,3	-20,0	-26,1	-	-	2,40	-
Rosemberg	1,8	4,0	18,0	20,1	-3,4	-3,2	57,2	63,7	54,2	59,2	3,0	4,5	-	-	17,00	-	2,70	-
MÉDIA	2,2	3,6	17,3	18,5	-3,5	-3,3	56,2	60,8	52,1	57,0	4,0	3,7	-20,6	-22,6	17,54	14,43	2,55	2,75
DESVIO PADRÃO	0,34	0,57	1,08	2,52	0,08	0,26	1,69	2,43	2,40	3,49	1,01	1,99	1,59	3,22	0,93	1,94	0,12	0,07

Nota:

(1) Variação percentual.

INFLAÇÃO - QUADRO DAS PREVISÕES

INSTITUIÇÕES	FIPE			IPCA			IGP-M		
	junho	julho	2002	junho	julho	2002	junho	julho	2002
Banco BBM	0,13	-	-	-	-	-	-	-	-
Citibank	0,50	0,70	5,28	0,40	0,65	5,31	0,45	0,70	5,47
CSFB Garantia	0,60	0,90	4,80	0,80	0,80	-	0,80	1,00	6,50
Fator	0,55	0,60	-	0,45	0,60	5,00	0,55	0,75	5,50
Macrométrica	0,92	0,68	5,85	0,61	0,61	6,51	1,09	0,42	5,62
MCM Consultores	0,35	0,45	4,20	0,50	0,80	5,70	0,60	0,85	5,70
Rosemberg	0,52	0,75	4,50	0,37	0,81	5,50	0,62	0,91	6,00
Média	0,51	0,68	4,93	0,52	0,71	5,60	0,69	0,77	5,80
Desvio Padrão	0,24	0,15	0,65	0,16	0,10	0,57	0,23	0,20	0,39

ÍNDICES ECONÔMICOS

m ê s	Taxa de variação dos preços(%)						Taxa Referencial de juros (%)	Taxa de Câmbio-venda SP R\$/US\$		
	IP C A	IP C (FIPE)	IG P-M (FGV)	IG P-D I (FGV)	IP A-D I (FGV)	IP A Ind (FGV)		Comercial Média	Comercial (1)	Paralelo (1)
jan /0 1	0,5 7	0,3 8	0,6 2	0,4 9	0,4 0	0,7 8	0,1 4	1,9 5	1,9 7	2,1 4
fevereiro	0,4 6	0,1 1	0,2 3	0,3 4	0,3 1	0,3 1	0,0 4	2,0 0	2,0 5	2,1 4
março	0,3 8	0,5 1	0,5 6	0,8 0	1,0 1	0,2 7	0,1 7	2,0 9	2,1 6	2,2 1
abril	0,5 8	0,6 1	1,0 0	1,1 3	1,3 9	0,4 8	0,1 5	2,1 9	2,1 8	2,2 5
maio	0,4 1	0,1 7	0,8 6	0,4 4	0,1 8	0,4 9	0,1 8	2,3 0	2,3 6	2,5 5
junho	0,5 2	0,8 5	0,9 8	1,4 6	1,9 6	1,5 9	0,1 5	2,3 8	2,3 0	2,5 2
julho	1,3 3	1,2 1	1,4 8	1,6 2	1,9 3	1,8 9	0,2 4	2,4 7	2,4 3	2,5 9
agosto	0,7 0	1,1 5	1,3 8	0,9 0	1,1 3	1,0 5	0,3 4	2,5 1	2,5 5	2,6 3
setembro	0,2 8	0,3 2	0,3 1	0,3 8	0,4 8	0,7 5	0,1 6	2,6 7	2,6 7	2,7 9
outubro	0,8 3	0,7 4	1,1 8	1,4 5	1,8 8	1,9 4	0,2 9	2,7 4	2,7 1	2,8 2
novembro	0,7 1	0,6 1	1,1 0	0,7 6	0,7 3	0,6 5	0,1 9	2,5 4	2,5 3	2,6 4
dezembro	0,6 5	0,2 5	0,2 2	0,1 8	-0,0 9	-0,3 2	0,2 0	2,3 6	2,3 2	2,6 0
Acum .A no	7,6 7	7,1 3	10,3 7	10,4 0	11,8 8	10,3 1	2,2 7	-	-	-
jan /0 2	0,5 2	0,5 7	0,3 6	0,1 9	-0,1 3	-0,3 2	0,2 6	2,3 8	2,4 2	2,5 7
fevereiro	0,3 6	0,2 6	0,0 6	0,1 8	0,1 4	0,3 6	0,1 2	2,4 2	2,3 5	2,4 8
março	0,6 0	0,0 7	0,0 9	0,1 1	-0,1 1	0,0 4	0,1 8	2,3 5	2,3 2	2,4 5
abril	0,8 0	0,0 6	0,5 6	0,7 0	0,7 5	1,3 0	0,2 4	2,3 2	2,3 6	2,4 9
maio			0,8 3				0,2 1	2,4 8	2,5 2	2,6 6
Acum .A no	2,3 0	0,9 6	1,9 1	1,1 8	0,6 5	1,3 8	1,0 1	-	-	-

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Cotação de final de período.

REMUNERAÇÃO REAL DOS ATIVOS FINANCEIROS (%) (1)

M ê s	Bolsa SP	Poupança	Over	Ouro-Spot	Paralelo	Comercial	CDB
jan/0 1	15,10	0,02	0,64	-2,85	-2,44	0,18	0,38
fev	-10,28	0,31	0,79	2,35	-0,23	3,52	0,74
mar	-9,65	0,11	0,69	0,83	2,69	5,10	0,39
abr	2,29	-0,34	0,19	2,89	0,80	0,07	0,04
mai	-2,64	-0,18	0,47	11,21	12,36	7,10	0,27
jun	-1,58	-0,33	0,29	-1,44	-2,14	-3,28	0,11
jul	-6,91	-0,73	0,01	-1,46	1,28	3,94	-0,28
ago	-7,92	-0,53	0,21	2,63	0,16	3,52	0,00
set	-17,42	0,36	1,02	13,16	5,76	4,37	0,75
out	5,60	-0,38	0,35	-5,55	-0,10	0,16	0,08
nov	12,55	-0,40	0,29	-8,18	-7,40	-7,61	0,01
dez	4,76	0,48	1,17	-2,49	-1,73	-8,44	0,89
Acum. no ano	-19,40	-1,61	6,29	9,42	8,05	7,50	3,43
jan/0 2	-6,64	0,40	1,17	5,20	-1,89	3,84	0,83
fev	10,25	0,56	1,19	0,16	-3,18	-2,96	0,94
mar	-5,64	0,58	1,28	0,61	-1,30	-1,14	1,00
abr	-1,82	0,18	0,92	2,88	1,07	1,11	0,59
mai	-2,52	-0,11	0,58	11,32	5,95	5,88	0,31
Acum. no ano	-7,05	1,62	5,25	21,41	0,40	6,65	3,72

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Deflacionados pelo IGP-M.

CUSTO DO CRÉDITO (1)

Mês	TJLP	LIBOR(2) (6 meses)	Capital de Giro pré fixado(2)	Res. 63(3)	Desconto de duplicatas(4)	Export notes(3)(7)	ACC(3)	Repasse do BNDES(5)	
								BNDES/FINAME automáticos	FINAME agrícola
jan00	12,00	6,17	49,07	11,93	3,84	15,72	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	6,29	46,32	13,02	3,61	14,31	10,30	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	6,53	46,73	11,56	3,68	9,18	9,82	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	11,00	6,51	43,43	11,66	3,52	8,87	9,61	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	6,98	43,64	11,77	3,58	9,85	9,60	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	6,92	34,39	11,78	3,25	10,87	10,44	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	10,25	6,87	33,07	9,59	3,10	9,97	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	6,83	35,99	10,04	3,41	9,07	8,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	6,70	30,42	9,32	2,92	9,01	9,23	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	9,75	6,67	32,24	12,08	3,12	10,81	9,14	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	6,64	30,91	10,09	2,94	9,36	9,36	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	6,31	30,73	10,47	2,97	11,74	8,98	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan01	9,25	5,45	32,90	8,82	3,10	10,26	8,19	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	5,15	27,52	8,05	2,65	14,75	7,27	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	4,75	32,60	8,41	3,11	-	7,20	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	9,25	4,42	31,72	9,09	3,02	15,93	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	3,99	35,82	22,02	3,32	16,46	7,12	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	3,94	32,06	14,78	3,03	20,43	6,63	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	9,50	3,73	37,81	9,32	3,55	20,11	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	3,50	43,39	6,29	3,85	23,99	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	2,99	38,37	6,09	3,15	24,00	6,66	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	10,00	2,29	43,58	5,79	3,80	3,42	6,82	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	2,05	36,36	7,37	3,29	11,14	6,27	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	1,93	35,66	6,61	3,28	8,25	5,86	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan02	10,00	1,87	41,31	4,52	3,65	5,45	5,58	1,0 a 4,5	1,0 a 4,5
fev	-	1,96	31,40	5,69	2,94	9,66	5,42	1,0 a 4,5	1,0 a 4,5
mar	-	2,19	34,19	5,81	3,20	11,74	5,37	1,0 a 4,5	1,0 a 4,5
abr	9,50	2,15	38,60	4,79	3,55	11,31	5,52	1,0 a 4,5	1,0 a 4,5
mai	-	2,03	36,71	4,99	3,41	-	5,49	1,0 a 4,5	1,0 a 4,5

Fonte: Banco Central.

Notas: (1) Capital de giro, Res. 63, Desconto de duplicatas, Export notes e ACC, calculados a partir de dados do SISBACEN. (2)% ao ano. (3) % ao ano mais correção cambial. (4) Taxa antecipada - % ao mês (média mensal). (5) % ao ano + TJLP. A partir de agosto de 1997: % ao ano + TJLP + spread de risco do agente financeiro. (6) Capital de giro, Res.63, export notes, ACC e desconto de duplicatas: valores referentes a 21/05/02.(7) As significativas variações das taxas deste item nos últimos meses resultam de questões metodológicas referentes ao número de instituições pesquisadas. Para mais informações, consultar o SISBACEN.